



Plano Geral de um engenho em Pernambuco, segundo ilustração de Vauthier.

Três é demais. Temos certeza que não! Para a Revista *Risco* a edição do número três tem um significado muito particular. Representa a superação da fase de experiências, na qual a possibilidade de produzirmos uma revista regular que contribuísse para com o debate acadêmico mostrasse-se viável.

Na breve experimentação de seus números percebemos as dificuldades, mas, sobretudo as potencialidades que um veículo de divulgação de trabalhos e pesquisas pode guardar. Acreditamos que o melhor caminho para as publicações acadêmicas é aquele que constrói e articula discussões e não o que serve apenas à apresentação de trabalhos. Claro está que o esforço dos pesquisadores deve ser compensado com a possibilidade de divulgarem seus trabalhos, mas a forma mais proveitosa de divulgação é aquela que permite a interlocução entre trabalhos e pesquisadores. Neste sentido, estamos estudando a organização de números temáticos, intercalados à edição do formato atual.

Neste número inauguramos uma nova seção: *Janela*. Dedicada às obras que extrapolando a pesquisa acadêmica encontram inquietações semelhantes nos moldes da produção estética. Estréia a seção, emprestando-lhe seu nome, a poesia de Rainer Maria Rilke, "La Fenêtre", traduzida por Carlos R. M. de Andrade.

As contribuições para a seção *Ensaio e Artigos*, trazem a marca da diversidade da produção acadêmica. Os autores abordam questões tão diversas como artes plásticas, patrimônio, política habitacional, a partir de ângulos próximos à

arquitetura e ao urbanismo. Telma Correia discutindo a criação de núcleos residenciais pelas fábricas e empresas de mineração, analisa as características da disposição espacial de algumas instalações de produção. Maria Lúcia Pinheiro aborda as noções preservacionistas no Brasil, desde as primeiras preocupações com a evasão de obras de arte até a fase pioneira do SPHAN, procurando um entendimento dos projetos voltados à preservação.

Flávia Brito ao estudar o pensamento e a prática intervencionista dos profissionais de Serviço Social nas décadas de 40 e 50, no que concerne às formas de habitar populares, verifica o processo de formação do “novo homem” estadonovista, além de problematizar a relação entre moradia popular e práticas intervencionistas. Já Antonio Soares e Carlos Espinheira analisam o processo de transferência dos moradores de palafitas do Subúrbio Ferroviário de Salvador para conjuntos habitacionais do Estado, em específico o Nova Primavera (2002), destacando o impacto nas relações entre os moradores e a cidade nas dimensões sócio-urbanas e econômicas.

Alexandre Dantas apresenta o contexto e as representações de “crise” formuladas sobre Natal nos anos 1920, analisando como no “projeto” de modernização a ascensão do saber técnico, do médico e do engenheiro, foi fundamental. Fechando a secção, Gabriel Girnos discute textos e obras centrais da produção de Oiticica como Parangolés e Tropicália, a partir do ângulo das suas relações com a dimensão “popular” da cultura no período entre 1964 e 1968.

Na secção *Referência* pareceu-nos oportuno trazer à luz “A Moradia” de Piotr Kropotkin, com introdução dos professores João M. Lopes e Cibele S. Rizek, que apontam à atualidade do texto centenário. Em *Transcrição* publicamos dois arquitetos/professores estrangeiros, que realizaram recentemente atividades conjuntas conosco. De Daniele Vitale do Politécnico de Milão, trazemos “Ensinar um Ofício, Propor uma Forma” sobre a relação entre a prática e o ensino da arquitetura. De Miguel Vitale da Universidade de Santa Fé, apresentamos “Paisagem e imagem paisagística – aportes para um enfoque contemporâneo”, que tematiza novas abordagens sobre a paisagem urbana.

A resenha de Maria Ruth Sampaio da dissertação “Lupa ou Telescópio: o Multirão em Foco- São Paulo, anos 90 e Atualidade” compõe a secção *Ponto Crítico*, dedicada à produção acadêmica. Mantendo o propósito de acompanhar alguns eventos da área, na secção *Pesquisa em Pauta*, Sarah Feldman comenta os resultados dos “Seminários de Avaliação de Pós-Graduação e Pesquisa” do nosso Programa de Pós e do nosso Depto. e Selma Passos, da UFBA, escreve sobre o “I Seminário Arte Cidade,” ocorrido em Salvador.

Agradecemos à colaboração de todos aqueles que enviaram artigos, dos pareceristas, professores, técnicos e colaboradores em geral que permitiram com o seu trabalho a viabilização deste número da *Risco*. Por fim, aproveitamos para reafirmar o propósito, e a certeza, da manutenção da periodicidade regular da revista e a disposição em implementar formas de potencializar o debate acadêmico como anunciado neste editorial.